

## Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memórias permanentes<sup>1</sup>

Fernando Monteiro de Barros<sup>2</sup>  
Irineu E. Jones Corrêa<sup>3</sup>  
Maria Cristina Cardoso Ribas<sup>4</sup>  
Orna Messer Levin<sup>5</sup>

Do contexto planetário em pandemia de Covid-19, no preconizado esforço de deslizar da *quarentena*, sincronicidades à parte, chegamos ao número 40 da SOLETRAS. Escolhemos apresentar o presente dossiê mesclando dados e reflexões coletados a um poema profundamente agônico. No pesadelo de um poeta culpado por ter seu ganha pão no trabalho de jornalista, Bernardo Guimarães (1825-1884) sufoca, ao peso dos periódicos:

E lá vinha de *Times* nuvem densa  
Com um sussurro horrendo  
No ar as pandas asas estendendo,  
Derramando nos mares sombra imensa.  
E após vinha em vastíssima coorte  
*O País, a Imprensa, o Globo, o Mundo,*  
*O Este, e o Oeste, o Sul, e o Norte,*  
Esvoaçando sobre o mar profundo,  
Jornais de toda a língua, e toda sorte,  
Que no hemisfério nosso vêm dar fundo,  
Gazetas alemãs com tipos góticos,  
E mil outras com títulos exóticos.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> O título faz referência ao grupo de pesquisa com o mesmo nome, cadastrado no CNPq, sob chancela da Fundação Biblioteca Nacional – ver em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/250828>. O grupo mantém um espaço no portal da instituição em <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/>.

<sup>2</sup> Professor Associado de Literatura Brasileira da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Letras Vernáculas/Literatura Brasileira. E-mail: [fernandobarros.lettras@gmail.com](mailto:fernandobarros.lettras@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5677-6834>

<sup>3</sup> Pesquisador Sênior da Fundação Biblioteca Nacional/FBN. Doutor em Letras. E-mail: [irineu.correa@bn.gov.br](mailto:irineu.correa@bn.gov.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7397-6552>

<sup>4</sup> Professora Associada do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Doutora em Ciência da Literatura, Teoria Literária (UFRJ), Pós-Doutorado em Intermidialidades (UFF). Procientista UERJ/FAPERJ. E-mail: [marycrisribas@gmail.com](mailto:marycrisribas@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2289-4004>

<sup>5</sup> Professora Livre Docente do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp. Doutora em Teoria literária. E-mail: [orna@unicamp.br](mailto:orna@unicamp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3322-3927>

<sup>6</sup> “Dilúvio de papel, sonho de um jornalista poeta”. In: GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas*. Org. introd. cronol. e notas Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: INL, 1959.

A par da relação angustiada, a ironia do poema sinaliza uma relação visceral entre o fazer literário e a imprensa periódica. O longo século XIX foi o espaço em que as atividades jornalísticas e literatas se distinguiam e se profissionalizaram, mas nunca se afastaram completamente. Bernardo, poeta, ao mesmo tempo que estudante de Direito e depois juiz, e Machado de Assis (1839-1908), gráfico e depois escritor profissional, conviveram como jornalistas na cobertura das sessões do Senado, embora pertencessem a gerações diferentes.

Revistas e jornais são espaços privilegiados do campo literário, desde quando as atividades de impressão são autorizadas oficialmente no país, no início do século XIX. As páginas dos periódicos são tribunas ativas no processo de diferenciação das ‘belas letras’ das demais artes, até alcançarem uma relativa autonomia, como literatura. São nelas que os autores apresentavam seus poemas e os protótipos de suas narrativas de ficção, os movimentos e grupos propunham seus manifestos estéticos e a crítica apresentava suas opiniões e julgamentos, alimentando ou desconstruindo os critérios de validação estabelecidos.

É na imprensa que o jovem José de Alencar (1829-1877) questiona ‘a grande obra do arauto inaugural do Romantismo’, respectivamente, *A confederação dos tamoios* (1856), Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e, quando velho, é questionado pelas novas gerações. Na passagem do século, críticos como o cearense Araripe Jr. (1848-1911) e o sergipano Sylvio Romero (1851-1914) fazem, das páginas dos periódicos, tribunas e arenas em que expõem, constroem e destroem obras e autores. É nelas, também, que os cronistas se apresentam como observadores do cotidiano e constroem carreiras literárias, como o fizeram Emílio de Menezes (1866-1918), Figueiredo Pimentel (1869-1914) ou o próprio Machado de Assis.

À época dos grandes jornais impressos, do século XX, entre os anos 40 e os 90, o espaço ‘sagrado’ da Literatura esteve reservado em cadernos especiais, exclusivos ou, em menor escala, dividindo espaço com outras artes, em cadernos culturais – à maneira de tronos e pedestais para a literatura na imprensa. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), assim como muitos dos escritores, escreveu sistematicamente nos principais periódicos, enquanto viveu. Hoje, os jornais digitais e eletrônicos em circulação mantêm seus espaços literários ativos.

Mais do que um simples traço na trajetória de reconhecimento de autores que deveriam publicar em livro para se tornarem ‘grandes’, essa aproximação Periódicos & Literatura vem se tornando objeto de intensa curiosidade e trabalho por parte dos pesquisadores das Letras. Nos anos 1970, o desenvolvimento da imprensa periódica literária no Rio Grande do Sul, o aparecimento do folhetim em periódicos brasileiros e o percurso editorial da revista *Kosmos* (1904-1909) foram flagrados e apresentados como ensaios ou defendidos como teses. Seus autores, Athos Damasceno Ferreira (1902-1975), Antônio Dimas e Marlyse Meyer (1924-2010) estão entre os primeiros intelectuais a trazer o assunto à pauta, oferecendo articulações nunca ou pouco exploradas. Na década seguinte, publicações como as da Biblioteca Carioca, sobre os cronistas, entre eles, Paulo Barreto – o nosso João do Rio (1881-1921), - reconhecido como importante literato, prenunciam que o assunto ocupará espaço nos debates e discussões de professores e pesquisadores.

Nestas primeiras décadas do século XXI, os grandes projetos de digitalização dos acervos de publicações seriadas das bibliotecas públicas franquearam o acesso direto às imagens das páginas dos periódicos. Marca esse movimento a Hemeroteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, o principal acervo de periódicos do país. Outras bibliotecas estão em diferentes estágios de digitalização de seus acervos de periódicos e a importância de cada uma delas para a pesquisa deve ser ressaltada. Sem que se esgote a lista, pode-se enumerar a coleção de periódicos digitalizados da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba; a Biblioteca Digital Paulo Freire, da mesma Universidade; o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT; os Arquivos Públicos do Rio Grande do Sul, Bahia e Alagoas; a Biblioteca Digital da Unesp – com parceria da Biblioteca Mário de Andrade e do Arquivo Público do Estado de São Paulo –, a Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da Universidade de São Paulo; a Biblioteca Digital da Unicamp. Destaca-se, nesse conjunto, o acervo de periódicos da Fundação Casa de Rui Barbosa, que integra o magnífico espaço da instituição - atualmente sob inacreditável ameaça de desmonte -, memorial com coleção de documentos literários, mobílias originais e biblioteca acessíveis ao grande público.

A facilitação do acesso por via remota faz com que a aventura da exploração dos vínculos entre periódicos e o campo literário venha a se firmar como uma das mais profícuas

para a produção de conhecimento. Da área das Letras, o interesse se expandiu para o âmbito das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, com destaque para um campo novo: os Estudos Intermidiáticos. São pesquisadores isolados ou organizados em grupos com diferentes composições, dedicados a diferentes aspectos do tema: os próprios periódicos, a formação e consolidação do campo literário, a obra, a crítica, o autor, o leitor, o editor, as estratégias editoriais, a circulação de títulos, as transposições entre mídias *etc. etc. etc.* As revistas e os jornais estão entre os principais documentos de pesquisa sobre Literatura nos tempos atuais. São, dentre as fontes primárias, as que mais rendimento têm trazido aos estudos literários. A esse respeito, Constância Lima Duarte, entrevistada nesse número, chama a atenção para a centralidade da mídia impressa, com ênfase nos estudos sobre a presença feminina na literatura, trabalhando como periodistas para jornais de amplo aspecto ou editando e escrevendo para mulheres. “Literatura, imprensa e consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX”, enfatiza a pesquisadora e professora.

O olhar atento voltado aos periódicos tem enriquecido o conhecimento e a problematização sobre o cânone, permitindo observar a primeira aparição impressa de uma narrativa, de um poema ou de uma crítica que vão agregando valor, com o desenrolar dos acontecimentos e das disputas no meio literário, marcados sempre pelos padrões ideológicos em vigência. Do mesmo modo, o periódico registra e faz permanecer o texto e a assinatura tidas como desimportantes, por não terem alcançado lugar de destaque no panteão das obras até então consagradas; trata-se de uma importante produção de ‘anônimos’, escondidos em pseudônimos ou ignorados pela crítica e pelos estudiosos. Todos eles, obras e autores, tanto os considerados grandes, quanto os ditos pequenos estão guardados naquelas páginas amareladas, tal qual foram entregues às impressoras, sem censura ou retoque posterior.

Marie-ÈveThérenty, também entrevistada para este número, chama a atenção para o fato de que as exigências de trabalho com esse tipo de documento – o exame de cada peça, a possibilidade de estar diante de uma informação original e primária – não significam, necessariamente, alterar os limites do cânone, mas sim, ampliar a densidade e a complexidade do campo. Os caminhos da pesquisa com periódicos não permitem nenhum gesto precipitado, quase nenhuma concessão aos modelos pré-estabelecidos, colocando-se a favor de modelos experimentais, alterando paradigmas, revisando antigos e descobrindo novos objetos de estudo.

Os ensaios e artigos apresentados neste dossiê enfrentam este desafio. Oferecem para o debate diferentes aspectos das relações entre periódicos e literatura, desde o século XIX. O quadro teórico é variado, tendo em comum integrar ao debate o que permanece de literário na enorme massa documental produzida com a marca de efemeridade que a publicação periódica traz.

Este conjunto de reflexões foi organizado por aproximações temáticas sutis, em quatro blocos reunidos, conforme descrevemos nesta Apresentação.

O primeiro bloco é composto por duas entrevistas que fazem um convite à reflexão mais geral sobre o tema. Numa delas, Marie-ÉveThérenty (diretora do grupo de estudos RIRRA21 – *Représenter, Inventer la Réalité du Romantisme à L’Aube du XIX siècle*, da Universidade Paul Valéry III, em Montpellier) apresenta uma perspectiva ampla dos estudos sobre a *civilização do jornal*, pressuposto em que apoia sua investigação, reafirmando “possibilidades aparentemente infinitas” para os periódicos. Lança um olhar investigativo sobre a relação entre identidade feminina e imprensa, tema principal da pesquisa e da entrevista com Constância Lima Duarte (pesquisadora junto ao NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade -, ao Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq). Seu trabalho com o feminino constatou variações identitárias da mulher, cada uma vista e apresentada em sua especificidade, demonstrando que o trabalho com o periódico propicia a aproximação do detalhe, ao mesmo tempo que insere o específico no todo. Sem que toquem no assunto, ambas as pesquisadoras deixam em evidência como a produção teórico-científica constrói suas teses circulando, via de mão dupla, do particular ao geral, numa aliança tensionada, mas sempre significativa entre o micro e o macrocosmo.

Os outros três blocos, formados pelas contribuições dos pesquisadores que submeteram seus textos à chamada para o dossiê estão organizados num recorte substancialmente temático e apoiado em formulações bastante negociáveis entre si.

Os artigos recolhidos no segundo bloco se voltam, de modos diversos, à **crítica literária em circulação transatlântica**. O primeiro deles é “*A Saudade*, periódico de sentimentos identitários portugueses no Oitocentos brasileiro”, de Carlos Augusto de Melo, do Instituto de Letras (ILEEL), e Maria Clara Costa Pereira, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPLET), ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Referente ao

periódico *A Saudade* publicado no Rio de Janeiro entre 1855 e 1857, iniciativa do Grêmio Literário Português, “foi escrito e lido por portugueses residentes no Brasil que encontraram na imprensa um meio de construção da sua identidade [...]”. Nada mais apropriado do que abrir as janelas deste dossiê com uma das palavras mais pronunciadas em tempos de confinamento, que só encontra expressão na língua portuguesa: *saudade*. Conforme os autores, “A palavra *saudade* não apenas intitula o periódico, como é retomada constantemente na elaboração de um modo de ser próprio daqueles que se encontram distantes de Portugal. ” E justamente este termo, quando remonta a *ser português desterritorializado*, que reverbera em “projetos de consolidação de formas de ser e sentir[...]”. O artigo classifica-se entre os que fazem da imprensa uma tribuna pedagógica sobre sensibilidade e leitura ou, dito de outra forma, propõem – ao mesmo tempo que experienciam - uma leitura bastante sensível.

Ao se voltar para a recepção crítica das poetisas-jornalistas nos jornais e revistas da época e, ainda, ao considerar a poesia de uma delas como um modelo de sororidade – do latim *soror*, irmã – nas Letras, em defesa da emancipação e educação da mulher, segue-se o segundo artigo deste bloco: “Um caso de sororidade literária: Narcisa Amália e Amália Figueiroa em jornais e revistas do século XIX”, de Anélia Montechiari Pietrani, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PGLetras). Como arremate da análise minuciosa e sensível, a autora propõe, ainda, “reflexões que levem à discussão e compreensão do esquecimento ou apagamento das escritoras no cânone historiográfico da literatura brasileira.” O gesto de reavivar o esquecido, de reacender o apagado é muito bem-vindo na atualização dos Estudos Literários – e do mundo em tempos de quarentena –, em especial quando mulheres, poetisas de forte potência imagética e atuantes em projetos transformadores deixam se ser lidas e ouvidas.

Na sequência, Fernando de Moraes Gebra, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em seu artigo “*Orpheu* e a imprensa no caderno de Alfredo Guisado: ‘Recortes’ de uma revista literária”, oferece um instigante compósito organizado pelo poeta português: o seu caderno de recortes de imprensa em torno da revista *Orpheu* (1915). Sua análise circunscreve-se ao embate de três enunciações: “ a) o discurso da imprensa portuguesa em 1915 acerca da recepção de *Orpheu*; b) o discurso dos presencistas, vistos como discurso de outrem no interior das enunciações de A.G. na década de 1960; c) o discurso de Guisado, marcado por ironias, polêmica velada e até mesmo polêmica aberta. ” A conclusão do artigo abre novo espaço à

reflexão, já que os textos do memorialista acerca da revista vão ganhando força a partir desse outro meio: o caderno de recortes.

De autoria de Álvaro dos Santos Simões Junior, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – (UNESP), “‘Os Simples’, de Guerra Junqueiro. E a imprensa carioca”, ostenta a precisão de uma pesquisa que alia sensibilidade de leitura e competência analítica na revisão de estudos já consagrados. Conforme o autor, “a obra decadentista-simbolista que mais despertou interesse dos jornais e revistas cariocas foi *Os simples*, livro de poesia lírica publicado pelo veterano Guerra Junqueiro em 1892. A análise de notícias, resenhas e artigos sobre essa obra possibilita compreender um pouco melhor o modo por que se deu a assimilação do decadentismo-simbolismo no Brasil.”.

O artigo de Maria Cristina Batalha, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), “A literatura frenética finissecular nos folhetins de Gomes Leal”, vai tratar da produção novelística de António Duarte Gomes Leal, um dos mais novos da Geração 70. A autora, numa reflexão bastante original, esclarece a expressão presente no título relativa à literatura finissecular e analisa como em “três novelas de Gomes Leal, publicadas em fascículos como brinde aos leitores do jornal *Diário de Notícias*, destacam-se a concepção de um universo marcado pelo fantástico e o grotesco, pelo masoquismo e o sadismo, expressando uma visão dualista do homem, inspirada em Baudelaire, e bem ao gosto dos leitores dos folhetins do final do século XIX.”

Da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Eduarda Araújo da Silva Martins e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina oferecem aos leitores “Narrativas curtas de Émile Zola: aspectos da recepção da obra do escritor no Brasil entre 1860 e 1914” Os autores, mediante acurada pesquisa de fontes e “recuperação de textos literários do passado inseridos nos modos de funcionamento da imprensa brasileira oitocentista” [...], trazem ao proscênio um conjunto de textos secundarizados em relação à produção romanesca naturalista do escritor francês, valorizada segundo a tradição acadêmico-crítica. Ao mesmo tempo apresentam “novos dados sobre a recepção de Zola no Brasil, trazendo à luz traços dos gostos e preferências dos leitores brasileiros do século XIX e início do século XX”.

O terceiro bloco, aqui reunido em função de discutir **o debate cultural e a imprensa**, principia com estudo de João Claudio Arendt. O professor visitante do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGLetras/UFMS) nos

brinda com “‘Porque espanca as trevas da ignorância’: as concepções de biblioteca, leitura e poesia presentes no jornal *Despertar* (1947-54), de Caxias do Sul”. Trabalho valioso, reunindo uma leitura clara e precisa com uma dimensão crítica que traz à tona a dimensão pedagógica do projeto do “Despertar”, já visível no nome do periódico. Nas palavras do autor, “concebido como forma estratégica de aproximação entre a administração municipal e o público escolar [o *Despertar*] veiculava notícias sobre educação, orientações pedagógicas para professores, atividades para alunos, poemas para recitar, dicas de higiene e até conselhos sobre agricultura”, operando com seus leitores à base do aconselhamento, com vistas a erigir um perfil de público sintonizado com os anos 1940-50.

O artigo seguinte, “Théophile Gautier, o folhetinista ficcionista-poeta”, de Priscila Renata Gimenez, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), mostra, dentre outros aspectos, a destreza do crítico exercendo o papel de pedagogo que aprecia a fruição da obra de arte. O estudo dedica-se a uma “análise da escrita dos folhetins teatrais escritos por Gauthier para o jornal parisiense *La Presse*, na década de 1840”. Sua principal contribuição é compartilhar a prática do autor francês como folhetinista teatral, demonstrando a potência de sua crítica que, de maneira “inventiva e transgressora”, articula literatura e imprensa, desentranha conceitos artísticos, ao mesmo tempo questionando a configuração dos espetáculos e do contexto em que são produzidos.

De Valnikson Viana Oliveira e Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UEPB), tem-se o artigo “Castro Lopes e a crônica de Machado de Assis: discussão linguística nas páginas da *Gazeta de Notícias*”. Dentre outros aspectos, demonstra detalhadamente a habilidade retórica de Machado de Assis “para a formação do gênero crônica no Brasil, utilizando-se das dimensões e da abrangência do suporte jornal”. Ao compartilhar a posição do cronista acerca do filólogo Castro Lopes quando este propõe substituir os estrangeirismos da nossa língua por expressões vindas do latim e criadas por ele, os autores demonstram que Machado, com a conhecida destreza retórica, intenta “persuadir seus leitores a refletirem sobre a ideias do mencionado latinista” – o que corrobora a pedagogia machadiana presente também em seu discurso cronístico.

Da longa presença de Clarice Lispector em revistas e jornais, inclusive naqueles que em princípio divergem de seu projeto literário, entra em cena o artigo “Convergência e divergência em contos e crônicas de Clarice Lispector”. Verônica Daniel Kobs, do Centro Universitário



Campos de Andrade (Uniandrade) oferece uma leitura não polarizada, a partir de três contos e onze crônicas publicadas em jornais no período 1952-1977. A pesquisadora explica: “a oscilação entre convergência e divergência propiciou a revisão dos papéis da mulher, auxiliando na reconfiguração da individualidade e das relações sociais.” A instabilidade citada, portanto, advém da ambivalência entre aceitação e recusa dos princípios que regem a sociedade patriarcal - dilema inscrito e constituidor das protagonistas clariceanas.

O arremate deste grupo vem com o artigo de Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/PPGL), intitulado “Ciência e nação. Imprensa como observatório da cultura em Lima Barreto”. Enfatizando o debate sobre ciência e ação “que teve na imprensa sua melhor tribuna”, a pesquisadora, com seu vasto conhecimento da matéria, “analisa as formas como esse tenso e rico diálogo com os periódicos se realizou” e ressalta que a potência crítica de Lima Barreto aos vários procedimentos dos “homens de *sciencia* trazem lições úteis que alcançam os nossos dias”.

O quarto e último bloco, na chave **estratégias discursivas do mercado editorial**, principia com o artigo “A escrita de Graciliano Ramos nas páginas de *Cultura Política: revista mensal de estudos brasileiros*”, de Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria, da Universidade de São Paulo (UNESP). A autora lembra-nos que o autor de *Memórias do Cárcere* (1953) colaborou, de 1941 a 1944, na “principal publicação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), controlado pelo Estado Novo, responsável pela sua prisão em 1936, sem a mínima acusação formal”. O trabalho demonstra, de maneira precisa, tanto a identidade da revista, quanto as estratégias dos editores para incorporar, no rol de colaboradores, figuras emblemáticas do campo literário.

De André Cardoso, da Universidade Federal Fluminense (UFF), segue-se “A verdade do coração: circulação de livros e retórica sentimental no *Diário do Rio de Janeiro* trata-se de um artigo que sutilmente desliza de reflexões previsíveis: ao analisar a força que a imprensa periódica representou para a circulação da literatura no século XIX, observa como as obras literárias eram acolhidas na época e como tal efeito integrava projeto do mercado editorial. Vários gêneros textuais compunham o rol de publicações e, nas palavras do autor, “dada a forte presença de uma retórica sentimental nesses textos, busca-se mostrar de que modo essa retórica revela, ou mesmo ajuda a moldar, determinadas atitudes relacionadas às funções da literatura, às condições de sua recepção e à sua relação com o pensamento.”

Alencar entra em cena no artigo de Marcus Soares, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), intitulado “José de Alencar no *Diário do Rio de Janeiro*”, no período compreendido entre 1855 e 1858, quando o romancista ocupou o cargo de redator em chefe do jornal. Nas palavras do pesquisador, tendo em vista “as condições materiais de produção e difusão características do jornalismo de meados do século XIX que tornaram possível a experiência pública dessas obras”, a análise volta-se ao “momento inicial da carreira de José de Alencar para a compreensão de sua trajetória intelectual e literária! ”.

O artigo seguinte, de Cleiry de Oliveira Carvalho, da Universidade de Brasília (UnB), intitula-se “Um estudo panorâmico dos bolsilivros produzidos para o público masculino: O romance de mocinho”. Afirma a pesquisadora: “Apresento um panorama do romance impresso em papel-jornal e vendido no Brasil a baixo preço para consumo em massa por um público idealmente masculino. O panorama tem como fundamento a leitura de 101 romances de diferentes coleções e editoras...”. As minúcias descritivas constituintes do vasto painel, aparentemente deslizam da proposta inicial. Ocorre, porém, um *turning point* que certifica a coerência da proposta e leva o leitor a enfrentar, de maneira atenta e divertida, um gênero bastante presente em seu imaginário – o romance de mocinho - forjado no entrelace de mídias; público este que, segundo a autora, acaba por perceber como, “na própria fórmula literária que se estabelece nesses romances está inscrito o processo de formação de um leitor-consumidor psicologicamente dependente. ”

O fecho deste quarto bloco e, portanto, do dossiê, vem com o artigo de Lucia Granja, da Unicamp, em que a pesquisadora compartilha rica discussão do universo editorial na circulação França-Brasil com as nem sempre delicadas reverberações no universo composicional de escritores e poetas consagrados. Seu artigo “Das revistas aos livros: Machado de Assis, Jules Verne e seus editores” apresenta contribuição diferenciada aos estudos de periódicos e literatura. Nas palavras da pesquisadora, “as tensões entre editores e escritores, comparativamente estudados, revelam novidades sobre suas trajetórias de consagração e de aquisição de capital simbólico, na conceituação de Pierre Bourdieu. ”

Os dezesseis artigos aqui apresentados que constituem o quadragésimo número da SOLETRAS foram produzidos por este rol de professores pesquisadores de várias Instituições de Ensino Superior brasileiras, bem como as entrevistas das colegas que nos brindaram com as entrevistas França-Brasil. Todos escritos em quarentena, durante a pandemia de Covid-19 neste ano de 2020 vêm, mais do que nunca, corroborar a potência da pesquisa nas Humanidades, somada à

força das Letras, dos Estudos Literários em sua relação com a Imprensa Periódica.

Como pesquisadores situados no século XXI, reiteramos que a pesquisa em periódicos permite traçar com precisão as trajetórias de autores canônicos e – talvez, mais importante – de autores esquecidos, mas que foram relevantes para a formação lítero-cultural no Brasil; possibilita compreender a circulação de impressos, além do movimento das livrarias e de leilões de livros, bem como as tensões concernentes a homens e periódicos, e aquelas entre periódicos e textos literários. Esta modalidade de pesquisa vem transformando nosso entendimento dos séculos anteriores ao revelar uma vida literária mais diversificada e dinâmica do que gerações anteriores de estudiosos observaram ou supunham saber, reformulando, inclusive, preceitos teórico-críticos.

O presente volume, portanto, representa valiosa contribuição aos Estudos de Literatura. Vamos à leitura.

Os Editores.